



**24° ENANCIB**  
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação  
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



## XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

### GT 9 – Museu, Patrimônio e Informação

**RECORDAÇÃO E ESQUECIMENTO: TRAJETÓRIA DE MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA**

**REMEMBERING AND FORGETTING: TRAJECTORY OF MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA**

**Gabriela Lúcio de Sousa** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO),  
Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

**Márcio Ferreira Rangel** – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu  
de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

**Aparecida Marina de Souza Rangel** – Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB)

### Modalidade: Trabalho Completo

**Resumo:** Este artigo visa construir a trajetória de Maria Augusta Rui Barbosa através do que é dito sobre sua personalidade e sua vivência. Objetiva-se compreender quem foi essa mulher através dos fragmentos que são contados sobre sua vida reunidos de uma forma que se construa um entendimento mais amplo sobre ela. Para compor o procedimento museológico, será usada a teoria da construção de uma *persona* científica, proposto por *Lorraine Daston e H. Otto Sibum* na publicação *Introduction: Scientific Personae and Their Histories* como forma de fundamentar a elaboração de sua *persona*. Como resultado, observou-se que a *persona* de Maria Augusta Rui Barbosa não se assemelha a aquela amplamente divulgada anteriormente, sempre a sombra de seu marido, mas sim de uma mulher com considerável potência histórica. A partir do que se evidenciou de Maria Augusta, considera-se que é necessário revisitar trajetórias fossilizadas de mulheres que se relacionaram com homens públicos e estão presentes nas instituições museológicas do Brasil.

**Palavras-chave:** Maria Augusta Rui Barbosa; *persona* científica; trajetória; recordação; esquecimento.

**Abstract:** This article aims to build the trajectory of Maria Augusta Rui Barbosa through what is said about her personality and her experience. The aim is to understand who this woman was through the fragments that are told about her life, brought together in a way that builds a broader understanding of her. To compose the museological procedure, the theory of the construction of a scientific persona, proposed by *Lorraine Daston and H. Otto Sibum* in the publication *Introduction: Scientific Personae and Their Histories*, will be used as a way of substantiating the elaboration of your persona. As a result, it was observed that the persona of Maria Augusta Rui Barbosa does not resemble the one widely publicized previously, always the shadow of her husband, but rather that of a woman with considerable historical power. Based on what was evidenced by Maria Augusta, it is considered necessary to revisit fossilized trajectories of women who had relationships with public men and are present in museum institutions in Brazil.

**Keywords:** Maria Augusta Rui Barbosa; scientific persona; trajectory; remembrance; forgetfulness.

## 1 INTRODUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA *PERSONA* DE MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA

É válido, primeiramente, comentar um pouco sobre a trajetória conhecida e divulgada da personagem a ser estudada. Maria Augusta Rui Barbosa nasceu Maria Augusta Viana Bandeira, sendo registrada em 23 de outubro de 1855 e faleceu aos 93 anos em 27 de abril de 1948. Recebeu o apelido familiar de Cota ou Cotinha. Era filha de Alfredo de Ferreira Bandeira e de Maria Luísa Viana e tinha quatro irmãos: Adelaide (Sinhá), José (Casusa), Alfredo (Alfredinho) e Carlos (Carlito). Ela casou-se com Rui Barbosa (1849 – 1923) em 23 de novembro de 1876 e ficaram juntos até o falecimento dele, em 1 de março de 1923, totalizando 46 anos de matrimônio. Dessa união nasceram cinco filhos: Maria Adélia Rui Barbosa (Dedélia), Alfredo Rui Barbosa, Francisca Rui Barbosa, João Rui Barbosa e Maria Luísa Vitória Barbosa (Baby). Maria Augusta viveu mais de vinte anos sem a presença de seu marido e foi figura de extrema relevância na criação do atual Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB) e na composição do acervo da instituição.

A casa onde atualmente está o MCRB foi comprada em 1924 pelo governo. Já o museu foi criado através do Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927, que *Crea o Museu Ruy Barbosa e aprova o seu regulamento* e inaugurado em 13 de agosto de 1930, com a presença de Maria Augusta, do então presidente Washington Luís e outros convidados.

Mesmo com a acentuada importância de Maria Augusta Rui Barbosa no contexto de viabilização e criação do MCRB, sua trajetória foi consideravelmente secundarizada em relação a história de vida de seu marido. Tal questão é notada dada a falta de material sobre a própria, tanto escrito por ela ou sobre ela, sendo costumeiramente apontada como “grande dama brasileira” (Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 18), a “grande mulher de um grande homem” (Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 14) e “uma mulher forte que através dos anos foi apaziguadora do gênio difícil do marido e administradora tranquila do lar harmonioso” (Reis, 2011, p. 45). Maria Augusta passa a ser objetivo de pesquisa a partir dos anos 2000, sendo um dos marcos a constituição do projeto Os Quimonos de Maria Augusta Rui Barbosa: pesquisa, conservação e acesso ao público do Programa de Iniciação Científica (PIC) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

Esses engrandecimentos e diversas outras referências, ainda que em entrevistas e relatos extraoficiais, justificam o entendimento desta como uma figura que deve ser

estudada e reconhecida na sociedade de fins de século XVIII e início de XIX. Para a composição da trajetória de Maria Augusta através das descobertas obtidas, o método de definição de uma *persona* científica, proposto por Lorraine Daston e H. Otto Sibum na publicação *Introduction: Scientific Personae and Their Histories* será usado, considerando que a metodologia se baseia no percurso de um indivíduo, entendendo-o uma referência social (Daston; Sibum, 2003). As práticas pessoais das pessoas devem ser impregnadas por características morais e, conseqüentemente, de reconhecimento externo.

A *persona* – no caso Maria Augusta Rui Barbosa – deve ter tido uma existência concreta, com percursos sólidos e estabilizados. Ademais, os registros de arquivo anteriormente consultados devem ser interpretados “como locais epistemológicos nos quais 'relações de poder [estão] inscritas” (Ruiz, 2018, p. 176). Em suma, a trajetória dela será delineada através do que foi empreendido através dos outros, já que, como comentado, não foi encontrado material escrito por ela. Sua *persona* é definida pela sua imagem conhecida, interpretada e reinterpretada.

[...] as lacunas e ausências e sua parcialidade irremediável nos ajudam a recalibrar os limites constitutivos do arquivo e nos chamam para considerar como podemos reconceitualizar os arquivos do museu e a inscrição/apagamento de gênero como um rastro de arquivo (Ruiz, 2018, p. 177).

Marianne Klemun e David Oldroy no artigo *‘Living Fossil’–‘Fossilized Life’? Reflections on Biography in the History of Science*, apesar de estudar especificamente biografias – que não é o tipo de desenvolvimento abordado nesse artigo, percebendo que o objetivo é traçar uma trajetória de Maria Augusta, e não biografar sua vida – oferece uma metáfora interessante sobre *fossilização biográfica*, a partir de dois significados:

[...] por um lado, como uma rejeição ao estilo antigo de biografia, que era, por assim dizer, uma forma "congelada" - que eu representei como modo de biografia que agora está amplamente extinto ou obsoleto. Mas, além disso, permanece a interpretação de que - em "termos paleontológicos" - nem toda fossilização transforma a anterior substância, mas 'redefine' sua forma (Klemun; Oldroy, 2013, p. 129).

Marianne Klemun e David Oldroy também comentam sobre uma importante questão: a idealização da figura a ser analisada. Citando como exemplo, Rui Barbosa é costumeiramente idealizado e sua imagem pública cuidadosamente montada. Idem para Maria Augusta, mas sua figura é moldada de forma a torná-la submissa e com pouca personalidade. Deve-se então, analisar cuidadosamente as fontes e observar o que parte do real e o que advém de divinização:

[...] devemos considerar a relação dos biógrafos (eleitores) às suas próprias representações idealizadas e também às suas imagens de si mesmas e imagem pública. É particularmente importante considerar tudo isso ao analisar fontes diferentes. Mas isso é também é necessário considerar o contexto particular da origem e forma de uma fonte ou documento (Klemun; Oldroy, 2013, p. 126).

O último ponto pertinente a pesquisa de trajetória e construção de *persona* de Maria Augusta é relacionado a própria nomenclatura de fossilização relacionada com a construção de biografias e seu uso originário na paleontologia. Ressalta-se a reconfiguração de um organismo, um certo repensar de imagens, onde não se deve congelar os biografados em suas biografias:

Na paleontologia, a fossilização implica a transformação de um organismo original em uma forma diferente. Nesse sentido, a metáfora de uma 'vida fossilizada' pode ser usada com dois significados, principalmente porque tem a ver não apenas com uma 'forma congelada', mas também com sua transformação em comparação com a forma de vida original (Klemun; Oldroy, 2013, p. 125).

Em suma, compreende-se que este entendimento de *fossilização* perpassa pela *transformação*, seja ela de forma positiva ou negativa, e tal cenário é percebido na trajetória de Maria Augusta e no atual estado do que se compreende de sua vida. Finalmente, no que tange a operação metodológica, além das já citadas publicações *Introduction: Scientific Personae and Their Histories* e *'Living Fossil' – 'Fossilized Life'? Reflections on Biography in the History of Science*, a investigação se valerá, enquanto fontes analíticas, de depoimentos obtidos através do 'Projeto Memória de Rui'<sup>1</sup>, onde é possível saber alguns detalhes sobre

---

<sup>1</sup> O 'Projeto Memória de Rui' foi iniciado em 1975 por iniciativa de Américo Jacobina Lacombe, e coletou informações sobre a memória de Rui Barbosa através de depoimentos e entrevista. Atualmente está disponível na íntegra através da publicação Projeto Memória de Rui; 1975-1997.

Maria Augusta e matérias publicadas em jornais do período disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

## 2 DESENVOLVIMENTO: A *PERSONA* – MARIA AUGUSTA VIANA BANDEIRA E MARIA AUGUSTA RUI BARBOSA

Antes de contextualizar Maria Augusta e sua trajetória, cabe compreender sua posição de classe e social: Maria Augusta ainda era uma mulher privilegiada. Por mais que os núcleos Viana Bandeira / Ferreira Bandeira<sup>2</sup> da família a qual pertencia fossem considerados ‘pobres’, ainda possuíam nomes poderosos. E com isso, coube a matriarca “a participação na difícil construção da imagem social da família de um advogado que passou por um processo de ascensão social vertiginoso através do trabalho e do esforço pessoal” (Silveira, 2016, p. 140).

Sem sua educação aristocrática e sua reconhecida performance como senhora e anfitriã de "alta sociedade", Rui não teria podido sustentar um salão e mesmo uma vida mundana respeitável para as rígidas exigências de seus círculos. Cumpre aqui lembrar que “Cota” (como a chamava intimamente) desde jovem era reconhecida na Bahia por sua elegância, mantida a despeito da notória decadência econômica de sua antiga e aristocrática família, os Viana Bandeira (Gonçalves, 1999, p. 43).

Pode-se dizer então que, após o casamento com Rui Barbosa, a construção de uma imagem adequada às exigências sociais da aristocracia ficou a cargo de Maria Augusta Rui Barbosa, sendo frutiferamente fundamentada. Baby, filha mais nova do casal, comenta sobre o grande amor de Rui Barbosa por sua mãe, e que seu pai não conseguiria viver sem ela, mas Maria Augusta encontraria forças para continuar sem seu marido:

---

Disponível em: [https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/pdfs/copy5\\_of\\_Projeto\\_Memoria\\_Rui\\_Final.pdf](https://www.gov.br/casaruibarbosa/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/pdfs/copy5_of_Projeto_Memoria_Rui_Final.pdf). Acesso em: 24 jun. 2024.

<sup>2</sup> Segundo Luiz Viana Filho, biógrafo de Rui Barbosa "Maria Augusta, filha de modesto funcionário público, Alfredo Ferreira Bandeira, pertencia à velha família baiana dos Ferreira Bandeira" (1943, p. 42), porém, de acordo com João Felipe Ferreira Gonçalves, a origem aristocrática advém dos Viana Bandeira (1999, p. 43). Serão citados então os dois nomes familiares, com o intuito de noticiar as duas possibilidades.

Nunca vi paixão assim na minha vida. Se ela falecesse primeiro, acho que ele não resistiria. Não que ela gostasse menos dele do que ele dela, mas é que papai tinha um temperamento assim muito afetivo; mamãe também, mas ele tinha uma paixão louca por ela (Magalhães, 2013, p. 73).<sup>3</sup>

É conhecido e já tem sido devidamente louvado o papel que desempenhou a esposa na vida de Rui Barbosa. Tanto que as filhas gostam de falar nisso, é natural. D. Maria Adélia, à minha esquerda, cita-me a propósito um comentário do médico da família, o Conde Pais Leme que dizia: 'O conselheiro não poderá viver sem d. Maria Augusta. Perdendo-a, ele logo morrerá. Ao contrário, D. Maria Augusta sobreviverá ao marido por muitos anos' (Barbosa, 1968, p. 31).

Ademais, os atributos físicos de Maria Augusta já foram destacados em publicações oficiais do MCRB e em outras biografias de Rui Barbosa, sendo vista como uma “mulher bela, atraente, de porte esguio, mais alta que Rui Barbosa e com ares de grande dama” (Magalhães, 2013, p. 71). De sua personalidade, pouco foi comentado.

Cosia os seus vestidos; era bem recebida nos salões elegantes de Salvador; sobretudo era muito chique. [Ela e sua irmã Adelaide] formavam um par alegre, e onde estivessem era certo não ficar ninguém triste. Tocavam, cantavam, organizavam jogos de prendas, promoviam diversões adequadas aos salões e em roda delas logo se formava um círculo de admiradores (Magalhães, 2013, p. 71).

De acordo com Viana Filho (1977), Maria Augusta era uma mulher altiva, independente e disposta. Pode-se comprovar essa atitude em Maria Augusta na escolha de seu marido. Salustiano Ferreira Souto, médico e amigo da família, “foi quem apresentou Rui e seu amigo Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas a Maria Augusta. Na véspera da apresentação, ela dissera, por pilhéria, que com um deles haveria de casar-se” (Magalhães, 2013, p. 71).

---

<sup>3</sup> Depoimento de Maria Luísa Vitória Rui Barbosa (Baby), na época usando o nome de casada (Maria Luísa Vitória Rui Barbosa Guerra) em 10 de abril de 1975 para o projeto "Memória de Rui", no Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

Em entrevista concedida a Francisco de Assis Barbosa, Maria Augusta afirma que “chamava-o de ‘Ruim Barbosa’, pois era rapaz que não gostava de bailes, de festas, de moças (Barbosa, 1968, p. 29-30). Ainda na mesma entrevista, segundo Maria Adélia, o pai “teria certamente recusado o convite para representar o Brasil em Haia, não fosse a insistência de minha mãe” (Barbosa, 1968, p. 33). E é bastante evidente, através de registros fotográficos, a participação de Maria Augusta nas ações políticas de Rui Barbosa. Na Campanha Civilista de 1910 ela percorreu muitas cidades e estados junto com Rui Barbosa, dentre eles Minas Gerais, na Escola de Minas de Ouro Preto (Figura 1). Já em 1919 ela participou da Campanha Presidencial de seu esposo e esteve na mesa de honra oferecida no Clube Caixeiral em Salvador, Bahia (Figura 2). Estes são alguns exemplos da presença dela no campo público e político, não apenas no campo privado do lar.

**Figura 1** – Maria Augusta ao centro e de braço dado com Antônio Jacobina Filho e do lado esquerdo estava Rui Barbosa, em frente à Escola de Minas de Ouro Preto.



Fonte: Iconografia da Fundação Casa de Rui Barbosa (2024, RB-RBIC 640).

**Figura 2** – Maria Augusta sentada ao centro da mesa no Clube Caixeiral (1919). Na foto, da esquerda para a direita: Othon Leonardos (à direita de Rui Barbosa), Lemos Brito, Pedro Lago e Renata Lago, de pé atrás do grupo. Pode-se ver no reflexo do espelho: Miguel Calmon e Augusto Viana.



Fonte: Iconografia da Fundação Casa de Rui Barbosa (2024, RB-RBIC 828).

Olga Obry, escritora da coluna “Silhueta Feminina” do *Jornal a Noite*, escreveu uma nota sobre Maria Augusta em sua publicação no jornal em 1951, ressaltando a pouca quantidade informações sobre Maria Augusta em uma recente biografia do período escrita por Michel Simon. Obry também comentou, através das palavras de Simon, que Maria Augusta gostava de poesia e música, revelando assim interesses letrados, e encerra seu artigo dizendo que “um dia alguém há de debruçar-se sobre os documentos ou guardados, para trazer à luz do dia a silhueta feminina, que continua envolta na sombra” (Obry, 1951, p. 4).

Na entrevista com João Valentim Ruy Barbosa (Boy), neto dela ao *Projeto Memória de Rui*, ele e sua esposa, Diana, afirmam que a matriarca da família Rui Barbosa falava inglês perfeitamente, confirmando assim sua educação formal. João continua seu depoimento dizendo que seu avô confessara que Maria Augusta era modesta, mas que muitas decisões foram tomadas a conselho dela. Outro depoimento que será referenciado é o de Irene Belfort Valadão Rui Barbosa, esposa de Rui Barbosa Neto, onde ela afirma que:

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB  
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

[...] com sua conversa sempre atualizada, era uma mulher de uma inteligência, que hoje em dia eu compreendo como ela pode ser companheira de um homem tão culto, porque ela também tinha uma inteligência que transferia os conhecimentos dela para os netos (Beaklini; Rangel; Pinheiro, 2024, p. 243-244).

Maria Augusta foi uma mulher de decisões fortes, e, após o falecimento do marido, optou por doar a sua aliança de casamento para a campanha "Ouro para o bem de São Paulo", que aconteceu durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Ela, na época, foi questionada e criticada pela atitude, e prontamente respondeu que, se seu marido estivesse vivo, concordaria com sua ação (Quinze [...], 2008, p. 1). Seu ímpeto é reiterado através da constituição do MCRB, posto que ela optou por vender a casa e a biblioteca conjuntamente para o Estado Brasileiro, sendo que a venda separada, a casa para a Embaixada da Inglaterra e a biblioteca para o Jockey Clube de Buenos Aires, geraria mais lucro para ela e sua família:

É de grande relevância evidenciar a proeminência de Maria Augusta Rui Barbosa na evolução do MCRB e na criação do museu em si. Foi a iniciativa dela e seu interesse em tornar a residência de sua família em um bem público – e conseqüentemente cravar o nome Rui Barbosa na história – que propiciou a venda conjunta da casa, mobiliários e da biblioteca para o governo federal por um valor mais baixo. Contrariando seu filho João Barbosa, posto que ela recebeu propostas da Embaixada da Inglaterra e do Jockey Clube de Buenos Aires mais financeiramente vantajosas (Sousa, 2022, p. 16).

Desde o falecimento de seu marido em 1923, as atitudes de Maria Augusta foram calculadas, focando especificamente na salvaguarda da memória política, jurídica, institucional e particular de seu marido. É interessante notar a construção da imagem de Rui Barbosa proporcionada por Maria Augusta. Ela trilhou e proporcionou um caminho coeso, calculado e cuidado para seu marido.

Primeiramente, ela o convenceu da necessidade de sair da Bahia e ir para a então capital do Brasil – Rio de Janeiro. Em seguida, o apoiou em importantes decisões as quais o próprio Rui Barbosa não demonstrou confiança ou vontade de participar, como a Conferência da Paz de Haia, em 1907. Porém, no dia 22 de maio, Rui Barbosa, Maria Augusta, suas filhas e os componentes da comitiva (além de Rui Barbosa, Eduardo dos Santos Lisboa como "ministro plenipotenciário e delegado", dois delegados técnicos, três primeiros secretários e cinco segundos secretários) embarcaram para Europa (Araújo, 2013, p. 45) e tal presença foi possível graças à intervenção de Maria Augusta.

Ademais, Maria Augusta aconselhava e confiava nas capacidades de seu marido e percorreu, junto com Rui Barbosa, o caminho para a vitória. E, enfim, após o falecimento de seu companheiro, passa então a cravar o nome dele na história – situação que só foi possível através dos esforços de Maria Augusta. É evidente então o nível de perspicácia dela – que auxiliou fortemente na criação dessa imagem.

É natural transportar essa discussão para um pensamento moderno, e questionar por que Maria Augusta não realizou certa emancipação, não alçou voos por si própria, não constituiu a si como figura de destaque. E cabe então, retornar o pensamento para o lugar, período, situação, educação e principalmente, possibilidade de desempenhar determinados papéis em que Maria Augusta se encontrava:

Ao falar de papéis sexuais estaria sendo designado o jogo de papéis masculinos e femininos, que homens e mulheres representam em múltiplas situações. O que permitiria até medir, por exemplo, se as mulheres teriam um leque amplo ou restrito de papéis. Seriam, por exemplo, papéis restritos: donas de casa, mães e esposas; ampliados: dona de casa, esposa, mãe, profissional, partidário, etc. Esta medida apontaria alguns padrões sociais sobre a posição e situação das mulheres ou/e dos homens. Esta teorização tem ainda o atraente aditivo da possibilidade de mudanças (Kofes; Piscitelli, 2011, p. 350-351).

Em suma, faz-se o que é possível. Maria Augusta era uma mulher baiana, advinda de família com nome aristocrático, mas sem fundos financeiros e nascida em 1855. Nem todas as mulheres conseguem revolucionar por completo os seus espaços, mas podem revolucionar seus pequenos-espaços e suas próprias escolhas. A aposta de Maria Augusta foi Rui Barbosa. E tudo que foi possível, ela fez.

A memória política, jurídica e institucional de Rui Barbosa seria guardada de qualquer forma, os textos, as publicações, as leis e o legado no âmbito público estão registrados e permaneceriam assim. Mas ainda assim, Rui Barbosa poderia ser esquecido dentre tantos polímatas. Mas Rui Barbosa passou também a ser um lugar. E passou também a ser humano. E Maria Augusta capitou essa mensagem, esforçando-se para tornar a sua própria casa um espaço museológico. Perdendo o ambiente particular para torná-lo um bem público, acessível a todos, considerando assim a causa de uma certa “motivação em transformar uma residência, esfera privada, em museu, sob a esfera pública é um percurso complexo permeado por elementos diluídos na trajetória da personagem mitificada em vida” (Rangel, 2015, p. 63).

**Figura 3** – Maria Augusta em Poços de Caldas (1927).



Fonte: Iconografia da Fundação Casa de Rui Barbosa (2024, RB-RBIC 580).

**Figura 4** – Maria Augusta em Poços de Caldas (1927).



Fonte: Iconografia da Fundação Casa de Rui Barbosa (2024, RB-RBIC 581).

Após o falecimento de Rui Barbosa, mais uma vez Maria Augusta performou um papel esperado: o de viúva enlutada. Elogia-se o constante uso do medalhão com o rosto de Rui Barbosa, as roupas pretas e a aparência querida e doce. Porém, Maria Augusta continuou divertindo-se (Figuras 3 e 4), constituiu o Museu Casa de Rui Barbosa e viveu por muitos anos – mais de vinte, especificamente – sem a presença de seu marido. A Figura 3 apresenta a seguinte dedicatória no verso: "*Poços de Caldas/ 28-4-927/ querido João/ Vê se conheces esta veranista que foi apanhada em flagrante num lindo jardim do hotel?/ Beijos mil e o coração de sua mãe Maria Augusta*". E a Figura 4 a mensagem: "*Poços de Caldas/ 28-4-927/ Meu João/ O que achas desta figura risonha? Estou aqui fazendo uma alegre estação de águas e sentindo-me bem melhor do meu reumatismo. Penso sempre no filho ingrato com saudades! Affectuosos abraços de sua mãe M. Augusta*".

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante salientar e lembrar suma importância de Maria Augusta no desenvolvimento do MCRB. Após o falecimento de Rui Barbosa, Maria Augusta recebeu duas propostas de venda financeiramente vantajosas, porém que desmembrariam a biblioteca e a residência. A embaixada da Inglaterra interessou-se em comprar a casa e o Jockey Clube de Buenos Aires, a biblioteca (Magalhães, 2013, p. 12). Maria Augusta recusou as ofertas, contrariando o seu filho João Rui Barbosa, e optou por vender todo o conjunto – incluindo arquivo e mobiliários – por um valor menor para o governo federal. Américo Jacobina Lacombe destaca essa importância, afirmando que “nós devemos muito a ela a manutenção da Casa [...]” (Rangel, 2015, p. 162). Além disso, a matriarca solicitou a inventariação de todo o acervo. O arrolamento da coleção gerou oito volumes, e desse quantitativo, sete são de acervo da biblioteca (Ferreira, 2008, p. 6).

Ressalta-se ainda que Maria Augusta tinha plena consciência da importância do acervo bibliográfico de Rui Barbosa, posto que ela “solicitou um levantamento dos títulos de todos os livros do marido, de modo a justificar a importância daquele acervo para a nação. Cada livro constou nominalmente no inventário” (Malta, 2012, p. 175). Ademais, Maria Augusta participou ativamente de todo processo de musealização, como ela disse em entrevista ao Jornal do Brasil de 13 de agosto 1930, “tenho ido todas as manhãs assistir os preparativos para a inauguração do museu” (Rangel, 2015, p. 77). Maria Augusta realizou o “desejo do patrono” (Rangel, 2015, p. 62) e o que julgava ser o melhor para o público, afirmando que negou a venda mais financeiramente vantajosa e dizendo que “isso [o MCRB, seu acervo e biblioteca] vai ficar para o Brasil. Comprometi-me com o Azeredo” (Rangel, 2015, p. 162). Ademais, as “doações de objetos domésticos impulsionaram uma nova conceituação do passado e do valor da cultura material familiar, íntima e cotidiana” (Hill, 2011, p. 206).

A trajetória de Maria Augusta não permaneceu fossilizada. Sua *persona* é potencialmente a de uma mulher com personalidade, trato social, inteligência e força. Suas atitudes, tão comumente relegadas a um baixo patamar, suas palavras registradas, fotografias e comportamentos são pequenas pistas que constituem essa *persona*. Maria Augusta existia além de Rui Barbosa, e parecia estar consciente, bem como também estava ciente de sua situação, o que permitia compreender todas as problemáticas de ser uma

mulher em seu período. Minimamente, seu nome sempre esteve registrado, mesmo que em uma pequena nota. Com esses registros, os estudos e a valorização de sua memória são possíveis, o redescobrimiento de seu percurso finalmente pode ser traçado.

Na biografia definitiva' de Rui Barbosa terá de aparecer, em seu lugar devido, a figura tutelar de dona Maria Augusta. A esposa do maior homem de Estado que a América Latina já produziu, exerceu sobre sua vida íntima e sua carreira política uma constante e benéfica influência; manteve-lhe o equilíbrio moral, a confiança e o sossego no refúgio da família, em que se retemperava das lutas (Soares, 1948, p. 1).

Em um período em que as mulheres não podiam participar da vida política, Maria Augusta fez-se presente na vida social e política do marido (Casa de Rui Barbosa, 1949, p. 26), sendo parte decisiva na carreira de Rui Barbosa, mesmo sem o reconhecimento devido, e diante das possibilidades ofertadas as mulheres, posto que “somente às mulheres excepcionais é dado realizar sua integração na sociedade pelas vias utilizadas pelos homens” (Saffioti, 1976, p. 55), Maria Augusta realizou feitos de grande importância que merecem ser reconhecidos e incluídos na construção de sua *persona* enquanto personagem da história brasileira.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Brenda Maria Ramos. **Contribuição de Rui Barbosa a uma ordem mundial democrática**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013.

BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa visto por sua esposa Dona Maria Augusta e sua filha Maria Adélia. *In*: BARBOSA, Francisco de Assis (org.). **Retratos de família**. 2. ed. (revista e acrescida de 3 novos capítulos). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1968.

BARBOSA, Rui. **Cartas à noiva**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.

BEAKLINI, Adriana Valentim; RANGEL, Aparecida Rangel; PINHEIRO, Márcia (org.). **Projeto Memória de Rui; 1975-1997**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2024.

BRASIL. **Lei ordinária nº 4.943, de 06 de abril de 1966**. Transforma em Fundação a atual Casa de Rui Barbosa e dá outras providências. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [1966]. Suplemento. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4943-6-abril-1966-350650-norma-pl.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

CASA DE RUI BARBOSA. **D. Maria Augusta Rui Barbosa**: dois depoimentos. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, 1957.

CASA DE RUI BARBOSA. **In memoriam**: D. Maria Augusta Rui Barbosa. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1949.

DASTON, Lorraine; SIBUM, H. Otto. Introduction: scientific personae and their histories. **Science in Context**, Tel Aviv, v. 16, n. 1-2, p. 1-8, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S026988970300067X>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FERREIRA, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. A biblioteca de Rui Barbosa: uma concepção de cidadania. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, 13., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2008. p. 1-8. Disponível em: [https://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212979382\\_ARQUIVO\\_AbibliotecadeRui.cidadania.pdf](https://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212979382_ARQUIVO_AbibliotecadeRui.cidadania.pdf). Acesso em: 24 jun. 2024.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Iconografia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2024. Disponível em: <http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2024.

GONÇALVES, João Felipe Ferreira. **Vida, glória e morte de Rui Barbosa**: a construção de um herói nacional. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1999.

GUERRA, Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa. **Entrevista com Maria Luiza Vitória Ruy Barbosa Guerra (D. Baby), filha de Maria Augusta e Rui Barbosa para o projeto Memória de Rui: depoimento**: [10 de abril, 1975]. Entrevista concedida a funcionários do Museu Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Museu Casa de Rui Barbosa, [1975].

HILL, Kate. Collecting authenticity: domestic, familial, and everyday “old things” in English museums, 1850–1939. **Museum history journal**, United Kingdom, p. 203-222, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10779/lincoln.24393133.v1>. Acesso em: 24 jun. 2024.

KLEMUN, Marianne; OLDROY, David. “‘Living Fossil’–‘Fossilized Life’? reflections on biography in the History of Science. **Earth sciences history**, Lancaster, v. 32, n. 1, p. 121–131, 2013. Disponível em: <https://10.17704/eshi.32.1.0446820220487244>. Acesso em: 24 jun. 2024.

KOFES, Suely. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 117-141, 2007. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/123456789/1842>. Acesso em: 24 jun. 2024.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de "histórias femininas, memórias e experiências". **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 8/9, p. 343–354, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1887>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MAGALHÃES, Rejane Mendes Moreira de Almeida. **Rui Barbosa na Vila Maria Augusta**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

MALTA, Marize. Arte doméstica e imagem da nação: um olhar sobre os museus-casa de Rui Barbosa e de Benjamin Constant. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 165–183, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/12641/11046>. Acesso em: 24 jun. 2024.

MALTA, Marize. Suntuoso leilão de ricos móveis... Um estudo sobre o mobiliário das casas senhoriais oitocentistas no Rio de Janeiro por meio de leilões. *In*: MENDONÇA, Isabel. CARITA, Hélder. MALTA, Marize (org.). **A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: Anatomia dos Interiores**. Portugal: IHA; Rio de Janeiro: EBA–UFRJ, 2014.

OBRY, Olga. A âncora de meu caráter. **Jornal A Noite**, p. 4-17, set., 1951. Disponível em: [https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970\\_05&pagfis=8858](https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=348970_05&pagfis=8858). Acesso em: 24 jun. 2024.

QUINZE coisas que você não sabia sobre a Revolução de 1932. **Extra**, São Paulo, 8 jul. 2008. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/brasil/quinze-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-revolucao-de-1932-539540.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza. **Museu Casa de Rui Barbosa: entre o público e o privado**. 2015. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza; ALMEIDA, Álea dos Santos de. Os cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa enquanto museália. **MIDAS: Museus e estudos interdisciplinares**, Portugal, v. 8, n. 1, p. 1–15. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/midas.1300>. Acesso em: 24 jun. 2024.

REIS, Cláudia Barbosa. **Memória de um jardim: estudo do acervo do Museu Casa de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2011.

RUIZ, Ana Baeza. Museums, archives and gender. **Museum history journal**, United Kingdom, v. 11, n. 2, p. 174-187, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/19369816.2018.1529268>. Acesso em: 24 jun. 2024.

RUY Barbosa. *In*: BRASIL. Senado Federal. **Senadores**. Brasília: Senado Federal, [2024]. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/2227>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

SILVEIRA, Maria Teresa da. **Museu Casa de Rui Barbosa: interpretação, memória e esquecimento**. 2016. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2016.

SOARES, J. E. de Macedo. Dona Maria Augusta. **Diário Carioca**, p. 1-12, 1948.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB  
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

SOUSA, Gabriela Lúcio de. **Delineando trajetórias através da roupa**: Maria Augusta Rui Barbosa. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2022.

VIANA FILHO, Luís. **A vida de Rui Barbosa**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Instituto Nacional do Livro, 1977.

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.**